

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: A INTERRELAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVO

Leoneide dos Santos

Veni Creator Christian University.

<https://orcid.org/0009-0007-5492-4451>

Email: neide2501@yahoo.com.br

Maria Barbara da Costa Cardoso

<http://lattes.cnpq.br/8512666584817111>

<https://orcid.org/0000-0003-4184-1052>

E-mail: barbara.costa@csfx.org.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N3-39>

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade promover reflexões sobre a importância da Afetividade no contexto escolar inclusivo como facilitador da interrelação entre professor e aluno, na motivação da aprendizagem, assim como sensibilizar o professor para a realização da prática da Escuta Sensível nas salas comuns de ensino como forma de conhecer a dificuldade e potencialidade de seus alunos, utilizando o afeto como meio de conquista e fomentar a autoestima do aluno e amadurecer a interrelação entre professor e aluno para que a construção do conhecimento seja estimulada de forma prazerosa. Apresenta como tópicos de discussão: a afetividade e aprendizagem, ambiente afetivo para preparação da aprendizagem, Escuta Sensível para conhecer as dificuldades e potencialidade dos alunos, a importância da Escuta Sensível para a inclusão educacional e a interrelação da afetividade entre professor e aluno no processo da construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Aprendizagem. Inclusão.

AFFECTIVITY AND LEARNING: THE INTERRELATION IN THE INCLUSIVE SCHOOL CONTEXT

ABSTRACT: The purpose of this article is to promote reflections on the importance of Affectivity in the inclusive school context as a facilitator of the interaction between teacher and student, in motivating learning, as well as to raise teacher awareness about the practice of Sensitive Listening in regular classrooms as a way to understand the difficulties and potential of their students. It proposes using affection as a means to build bonds, foster students' self-esteem, and deepen the teacher-student relationship so that the construction of knowledge is encouraged in an enjoyable way. It presents the following discussion topics: affectivity and learning; an affectionate environment for learning preparation; Sensitive Listening as a means to understand students' difficulties and potential; the importance of Sensitive Listening for educational inclusion; and the interrelation of affectivity between teacher and student in the process of knowledge construction.

KEYWORDS: Affectivity. Learning. Inclusion.

INTRODUÇÃO

Os processos de aprendizagens do ser humano, ao mesmo tempo que se apresenta como encantador e surpreendente, se torna também uma incógnita. A mente humana é e sempre foi palco de muitas pesquisas científicas. Mesmo a aprendizagem sendo inerente ao homem, muitas pessoas apresentam grandes dificuldades para isso. Fazendo com que os educadores se debrucem cada vez mais, indo em busca de pesquisas científicas, questões que envolvem a aprendizagem, e também seja capaz de pensar relações, propor soluções para que o educando possa chegar ao conhecimento. Assim, nesse contexto de educando se apropriar das aprendizagens, é que este artigo vem apontando como mola propulsora de estímulo positivo a importância da afetividade na construção do conhecimento humano no contexto escolar inclusivo.

O referido tema surgiu após observações de situações ocorridas em salas de aulas comuns inclusivas das escolas públicas de ensino. No qual, via-se que quando o educador e toda a comunidade escolar demonstrava-se acolhedora, com demonstração de afeto, o alunado sentia-se mais empolgado a participar efetivamente dos momentos de aprendizagem, isso valia também para os estudantes com deficiências, pois quando há planejamento dos momentos de aprendizagens em que o objetivo seja atingir todos que se encontram presentes, pensa-se em estratégias metodológicas que atinja os diferentes níveis de conhecimento, sendo os que conseguem abstrair com mais rapidez, até os que necessitam de um pouco mais de recursos práticos e concretos para o alcance dos conhecimentos. Assim, a inclusão é preservar os direito dos alunos de frequentar as escolas comuns de ensino e atender às necessidades específicas para que cada aluno alcance seu pleno desenvolvimento (Mantoan, 2011) p. 221.

Dessa forma, essas necessidades específicas que Mantoan (2011) se refere em relação às aprendizagens, podendo ser alcançadas através de um olhar sensível dos educadores, favorecendo nas interações sociais ambientes repletos de afetividade.

É importante ressaltar que quando o processo afetivo ocorre na contramão, ou seja, quando não há a valorização da afetividade na sua integração com o domínio cognitivo na prática pedagógica, instrumentos importantes no processo ensino aprendizagem, havendo desinteresse por parte dos alunos, pela apreensão dos conhecimentos, deixando consequências desastrosas que interfere na vida estudantil. O

aspecto afetivo é um dos fatores que está relacionada as dificuldades de aprendizagem, proveniente de consequências emocionais, interferindo negativamente o desempenho dos alunos nas atividades, resultando muitas vezes numa baixa estima e sentimento de incapacidade, produzida pelo próprio aluno em decorrência de sua dificuldade de aprendizagem.

Para compreender a importância das pessoas na sua totalidade, é imprescindível a relevância do papel da afetividade no funcionamento psicológico, bem como na construção de conhecimento cognitivo e afetivos. Há que se considerar também que crianças que apresentam problemas familiares, sua aprendizagem fica comprometida, levando a se sentir incapaz quanto ao seu desenvolvimento de suas competências escolares. Para Vygotsky (2000, p. 146):

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que são a inteligência e a vontade. Já não pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a desconsideração do cálculo diferencial.

Sendo assim, os aspectos emocionais precisam ser levados em consideração, regados com cuidado e relevância, pois irão influenciar todo o processo educativo do ser humano. Vigotsky (2003) enfoca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação e que para que os alunos exercitem melhor seu pensamento, devemos fazer com que as atividades sejam emocionalmente estimuladas, chegando assim ao aprendizado.

Assim, Vigotsky (2003, p.121). nos diz que:

As reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo. Antes de comunicar algum conhecimento, o professor tem de provocar a correspondente emoção do aluno e se preocupar para que essa emoção esteja ligada ao novo conhecimento. Este só pode se solidificar se tiver passado pelo sentimento do aluno.

Quando há a provocação das questões emocionais do aluno, a possibilidade de ter sucesso na aprendizagem dos conhecimentos a ser construindo na escola é bem mais efetiva.

A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

Utilizar o afeto como forma inicial do processo educativo é impulsionar o aluno a um mundo de possibilidades, onde sua autoestima estará sendo fortalecida, sentindo-se segura e capaz de realizar sonhos, inclusive aprender o que lhe é ensinado na escola. Sendo que até os pequenos avanços, precisam ser comemorados e vibrados para então continuar se apropriando de mais conhecimentos.

Para Piaget (1980) o conhecimento parte de uma interação entre sujeito e objeto. O indivíduo constrói seus conhecimentos, suas estruturas e modifica, aperfeiçoa, achando coisas novas, atividades adaptadas, relacionadas aos conhecimentos até então limitados que passam a servir como ponto de partida.

É por meio das vivências e na interação como meio, nas relações sociais que o ser humano vai aumentando seu arcabouço cultural e também potencializando seu desenvolvimento emocional para poder saber lidar e conduzir as situações experienciadas nas vivências do cotidiano, construindo um ambiente seguro de encorajamento e incentivo para que pessoas sintam-se capazes de correr atrás de seus sonhos e objetivos, dentre eles, o anseio em querer aprender o que lhe é apresentado na escola na construção do conhecimento.

A afetividade diz respeito a ações e reações internas que interferem no externo. É por meio dos sentimentos (que são dirigidos para o interior e são privados) que as emoções (que são dirigidas para o exterior e são públicas) iniciam o seu impacto na mente Castro (2015, p. 27).

Dessa forma, com seu emocional (interior) fortalecido, a pessoa tem possibilidades de construir estruturas cognitivas, que poderão possibilitar aprendizagens significativas.

Estimular as bases afetivas é demonstrar o envolvimento do professor e aluno, de modo que as aulas resultem em uma interação e que o professor traga os alunos até a intimidade do movimento do seu pensamento, de forma a desafiar o aluno. Incentivando-o a pensar e acompanhar seus pensamentos.

Já Piaget (1976) enfatiza que o afeto é essencial para o raciocínio e o desenvolvimento da inteligência, deixando claro que a vida afetiva e a vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. Fazendo-se necessário a criação de ambientes de afeto.

AMBIENTE AFETUOSO PARA PREPARAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Há uma nítida defesa mencionada neste artigo que a afetividade é uma base importante para que a aprendizagem tenha mais sucesso na vida escolar do aluno nas salas de aula comuns com ou sem inclusão de pessoas com deficiência.

Portanto, o professor deve promover um ambiente mais agradável, com boas interrelações que oportunize um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz. Sendo necessário estímulos ao diálogo, troca, paciência, compreensão e tolerância e não julgamento. Isso é claro, sem deixar de trabalhar regras e limites, dentro de um clima de respeito, igualdade de expressão e oportunidade entre todos, evitando com isso um tratamento desigual entre os alunos.

Ao criar um ambiente afetivo, o professor deve levar em consideração as características individuais, suas especificidades e suas condições de vida, de forma que favoreça uma aprendizagem prazerosas, fazendo da sala de aula um ambiente de trocas, vivências e cooperação onde os alunos sejam capazes de partilhar seus conhecimentos com outros colegas de sala. É nessa colaboração entre eles o ambiente afetivo estará sendo construído. Também é importante mencionar que os trabalhos a afetividade em sala de aula, os alunos precisam sentir-se compreendidos, aceitos e respeitados e que seus professores possam entender seus sentimentos e ter a sensibilidade para ouvi-los, oportunizar o diálogo e apoiá-los a fim de que busquem superar suas dificuldades e a prática da Escuta Sensível torna-se necessária.

ESCUA SENSÍVEL PARA CONHECER AS DIFICULDADES E POTENCIALIDADES DOS ALUNOS

Na Escuta Sensível, professor e aluno se veem como seres inacabados, inconclusos, capazes de se perceber e perceber o outro por meio da sensibilidade,

respeitando as diferenças e as diversidades no processo educacional. Assim diz Barbier (1998) sobre escutar:

Trata-se, então de sair de si e partilhar do outro, de seus discursos, de seus produtos, e no final das contas, de seu próprio universo simbólico e imaginário. Compreender-se-á que essa atitude nova implica “esvaziar” a cabeça, antes de tê-la “bem cheia”. Devemos nos tornar receptivos ao outro e tentar estar “disponíveis” pelas categorias do pensar, do fazer e do sentir que não estão em nossos hábitos. (Barbier, 1998, p. 17).

É nesse propósito de ir ao encontro de debates que proporcione novas concepções de conhecimento, sociedade, cultura, ensino, aprendizagem, reverenciando o aluno como centro do processo educativo, que se defende aqui, a importância da Escuta Sensível como fortalecimento das bases conceituais para a quebra de barreiras, (pré) conceito que nos limita ao pensamento e atitudes fechadas que em sua maioria resiste a mudanças.

É por meio da Escuta Sensível que é permitido entrar em contato com a outra face da aprendizagem, adentrando em um mundo dos “porquês”, do não acompanhamento dos ritmos das aprendizagens esperadas, do surgimento das dificuldades, visualizando outras potencialidades e formas diferentes de oferecer aprendizagens prazerosas a todos os alunos. Permitindo a quebra de paradigmas e oportunizando novos saberes, novas formas de ensinar e de aprender bem mais respeitosos e democráticos que não limitem o desenvolvimento educacional dos estudantes principalmente os com deficiência, ao qual a Escuta Sensível é considerada como uma força que pode despertar interesses pelo novo, pelo desconhecido fazendo com que o espírito de aprendiz se liberte das amarras deixadas pelo modelo de educação tradicional clássico de escolarização. E assim, possibilitando experimentar, escutar o outro no seu universo, sem levantar julgamentos e interpretações limitantes e preconceituosas.

”Compreender do interior” ou “existencialidade interna” são categorias utilizadas por Barbier (2002) para designar o saber, sentir o universo afetivo imaginário, e cognitivo do outro, para assim compreender o sentimento e reações adversas. Nessa perspectiva, há a valorização e incentivo do conhecimento em qualquer nível que se encontre todos os alunos das salas comuns, inclusive os com deficiência.

A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA SENSÍVEL PARA A INCLUSÃO EDUCACIONAL

A inclusão social e educacional de pessoas com deficiência é um relevante processo histórico mundial que no Brasil deu-se a partir da década de 90 e tem como objetivo o acolhimento e a valorização das diferenças e da diversidade humana. Alguns documentos internacionais serviram como base para nortear as políticas públicas, dentre eles, tem-se a Declaração de Salamanca (1994); a Convenção Interamericana para Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência (1999); a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) e a Declaração Mundial sobre Educação para todos (2009).

Desde então, muito tem-se discutido a respeito de uma educação realmente inclusiva onde não seja só garantido o acesso as salas comuns, mas também a permanência com desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades dentro de suas especificidades, LBI (2015). No entanto, a realidade das escolas frente à inclusão das pessoas com deficiência nas salas comuns, vem caminhando a passos lentos, professores justificam não estarem preparados para trabalhar com esse público, falta de recurso pedagógico, falta de formação, conhecimento, pessoas especializadas para acompanhar os alunos em sala de aula, apoio da coordenação pedagógica, resistência à mudança de atitudes, entre outros argumentos... Enfim, são inúmeros os entraves relatados diante do processo de inclusão dos alunos com deficiência nas salas de aula comum.

No entanto, além da rede de apoio escolar e conhecimento é preciso que o professor se proponha a querer fazer acontecer as mudanças necessárias para que seus alunos sintam que são capazes de ir além, superando todos os obstáculos e entraves sofrido ao longo do tempo, que fizeram enxergar que aprender o que lhe é apresentado na escola, é algo além de suas possibilidades. Digo isso não só para me reportar aos alunos com deficiência, mas também aos que sofrem com qualquer tipo de discriminação, aos que não tem oportunidade de fala, assim como os que tem um ritmo mais lento na aprendizagem.

É nesse contexto que exercitar a Escuta Sensível se coloca como princípio para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas. Para Barbier (2002) a escuta

sensível reconhece a aceitação incondicional do outro servindo como ponto de partida para qualquer experiência Educacional Inclusiva.

A INTERRELAÇÃO DA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O professor deve ter o entendimento e necessidade de preparação de um ambiente afetivo, seguro, com diversificação das metodologias utilizadas em sala regular e interação livre e natural entre professor e aluno, cria grandes chances de trabalhar com uma prática pedagógica mais acessível a todos os alunos inclusos em uma sala de aula, compreendendo melhor o outro percebendo as diferenças, dificuldades, bloqueios e também impulso em suas potencialidades. Por outro lado, um aluno que se sente acolhido, percebido, valorizado e incentivado, sente-se de positividade, acredita ser capaz, se predispõe à aprendizagem dos conhecimentos escolares.

A dimensão afetiva sendo experimentada nas vivências das relações das práticas de sala de aula, proporcionando sentimento de confiança, de segurança pela construção da autoestima, relacionado com a necessidade de sentir-se amado, valorizado, respeitado e aceito. Nota-se também que a ausência desta dimensão pode gerar ansiedade, insegurança, falta de iniciativa, dificuldades de aprendizagem, isolamento e agressividade ou timidez excessiva (Calaes, 200, p.2).

É por meio da boa relação e interação entre professor e aluno que laços afetivos de confiança e segurança serão criados para partir para uma aprendizagem eficaz e assim o professor estará rompendo com as amarras de uma educação tradicional, impulsivo emancipação. Freire nos diz que:

“É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de sua resistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar”. (Freire, 1997).

Segundo o pensamento de Freire (1997) que a capacidade de amar antecede a atividade de ensinar para que o professor não se permita desistir diante das fraquezas, desafios e frustrações que irão surgir no percurso de sua profissão.

Dessa forma, este artigo tem por objetivo, despertar reflexão em todos os profissionais da educação, sobre a importância do sentimento da afetividade para impulsionar o gosto, a vontade, o prazer em querer “aprender”, de forma mais específica ao público da Educação Especial que também passa por muitos entraves e desafios para alcançar a aprendizagem de fato e de direito.

Vê-se que para as pessoas com deficiências, lutar pelo direito de estar na escola, de aprender, de ser aceito, de mostrar sua capacidade como pessoa, como profissional, vem enfrentando longas batalhas no decorrer da história, para conquistar seu espaço e ultrapassar desafios, seja de vulnerabilidade familiar (no qual muitas vezes duvida de seu potencial), de preconceito, de ritmos diferentes de aprendizagem, especificidades da própria deficiência, se sucessivas ausências por conta de doenças e muitos outros motivos. Então, é relevante que se tenha um olhar sensível, para trabalhar a afetividade em sala regular de ensino como forma de conquistar, elevar a autoestima e incentivar até sentirem-se capazes para aprender e assim, conquistar sua autonomia a fim de participarem ativamente das tomadas de decisão sobre sua vida, tornando cidadãos participativos da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste referido artigo, houve a preocupação da fundamentação teórica com autores aqui mencionados, com pensamentos alinhados ao tema, no que diz respeito sobre a influência da afetividade no processo de aprender, como elemento facilitador e motivador. No qual foi percebido que a escola é um ambiente repleto de interações sociais, fundamentada na relação de todos os profissionais da escola e principalmente entre professor e aluno.

Nos escritos não houve a pretensão de discutir os aspectos afetivos como determinantes no processo de aprendizagem, até porque como foi defendido, existem outros motivos como questões familiares, especificidades do CID, emocionais e etc, mais sim como um elemento facilitador e também para trabalhar a interrelação entre professor e aluno, tornar a escola em um ambiente de relações mais afetiva e acolhedora, onde possa ser capaz de dar a devida importância a Escuta Sensível de todo alunado, levando o

professor ao conhecimento das vivências dos alunos, de sua família, da sua história e sua vida. Assim, não estaria negligenciando os aspectos afetivos e ainda, contribuindo e incentivando o gosto para aprendizagem.

Refletir sobre a importância da afetividade trabalhada pelo professor em salas comuns de ensino, é proporcionar uma maior compreensão dos alunos, aceitar, respeitar, entender seus sentimentos, ouvi-los e apoiá-los de forma que busquem superar as suas dificuldades e seguirem em frente rumo à construção do conhecimento.

Como forma de acomodar essa inquietação vivenciada nas escolas, nas salas de aula comuns de ensino, sendo uma angústia ver tantos desencantos, frustrações e desestímulos da aprendizagem por parte dos alunos que não veem atração por aprender, por estar na escola e por não acreditarem em si mesmo que li nesta pesquisa, fico concordando com os autores mencionados, acreditando em uma escola acolhedora, inclusiva e de qualidade. Defendendo que seja um espaço autônomo de reflexão e ação que incentivado pelo afeto, os alunos gostem de estar na escola, gostem de expor suas opiniões e de forma alegre e saudável participem da construção de conhecimento, não só como obrigação que tem que ser feito no processo da aprendizagem, mas como sentimento prazeroso e encantador que é o “aprender”.

REFERÊNCIAS

BARBIER, Renée. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora. p. 03 – 36. 2007.

BRASIL, **Decreto Número 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a convenção interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra Portadores de Deficiência**. Guatemala: 2001.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília. UNESCO, 1994.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com deficiência: Lei 13.146, de 6 de julho de 2015**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm . Acesso em 16 de junho de 2025.

CALAES, A.M. **Educação: limites e afetividade**. Disponível em www.redepitagoras.com.br. Acesso em 15 de junho de 2025.

CASTRO, E. **Afetividade e limites: uma parceria entre família e escola**. 5 edição. RJ: wak ed.2015.

MANTOAN, M.T.E. **O desafio das diferenças nas escolas**. 4 ed- Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

PIAGET, J; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. Ed. São Paulo: Diefel, 1980.

Ribeiro, S. T. **Transversalidade na educação: perspectivas a partir de uma abordagem multirreferencial**. Revista Sul-Americana De Filosofia E Educação (RESAFE), p. 112–124. 2011.

VIGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKY, L.S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Submissão: abril de 2025. Aceite: maio de 2025. Publicação: agosto de 2025.